

Herculano Pires

A Pedra e o Joio

**Crítica à
Teoria Corpuscular do Espírito**



Jean-François Millet - As colhedoras de grãos

Conteúdo resumido

Defensor implacável da pureza doutrinária do Espiritismo, Herculano Pires nesta obra faz uma rigorosa crítica à obscura “Teoria Corpuscular do Espírito”, de Hernani Guimarães Andrade, formulada em sua obra que leva o mesmo título. Mais uma vez Herculano demonstra a sua grande preocupação com as distorções conceptuais e doutrinárias que ocorrem no meio espírita.

Afirma o autor que a vaidade e a ambição levam muita gente a dar passos mais largos do que as pernas permitem. É o que hoje se vê, de maneira assustadora, no meio espírita. Multiplicam-se os casos de fascinação. Pessoas que podiam ser valiosas se transformam em focos de confusão e perturbação, com a sustentação de teorias absurdas que levam a doutrina ao ridículo.

Este pequeno livro traz ensinamentos indispensáveis que nos auxiliam a “separarmos o joio do trigo” e evitarmos confusões na interpretação dos conceitos da Doutrina Espírita.

“Vanitas vanitatum, et omnia vanitas.”
(Eclesiastes I:2.)

A Pedra

O símbolo da *pedra de toque* é usado neste livro para representar a Codificação do Espiritismo. Qualquer novidade que apareça no meio doutrinário pode revelar a sua legitimidade ou a sua falsidade num simples toque dos seus princípios com os da doutrina codificada. Na crítica aprofundada que faz da “Teoria Corpuscular do Espírito”, oferece um modelo seguro de análise a que devem ser submetidas todas as inovações propostas. De posse desse modelo os estudiosos terão um roteiro eficiente para sua orientação no uso do bom senso e da razão crítica.

A palavra crítica é aqui usada no sentido clássico de avaliação de uma obra ou de uma teoria, e não no sentido popular de censura ou maledicência. A crítica como avaliação é indispensável ao desenvolvimento da cultura, ao aprimoramento da inteligência. Sem a justa apreciação de livros e doutrinas estamos sujeitos a enganos que nos levarão a situações desastrosas. Há doutrinas apresentadas com roupagem literária e científica enganadora. Precisamos despi-las para chegar à verdade que, segundo a tradição, só pode ser conhecida em sua nudez.

O Joio

O joio é uma gramínea que nasce no meio do trigo, prejudicando a seara. No Evangelho ele aparece como símbolo de doutrinas errôneas. O autor utilizou dessa imagem para caracterizar as pretensas renovações doutrinárias que surgem no meio espírita. Passa em revista as que mais se destacam no momento, advertindo o leitor contra os perigos que apresentam, e aprofunda a sua crítica, de maneira minuciosa e severa, ao tratar da que lhe parece mais representativa.

Seu objetivo é mostrar a necessidade de encarar-se o Espiritismo como uma doutrina apoiada em métodos seguros de pesquisa e interpretação da realidade, que não pode ser tratada com leviandade. Oferece ao leitor uma exposição do método de Kardec, até hoje praticamente não analisado, e chama a atenção dos estudiosos para a importância de conhecerem esse método, a fim de não se deixarem enganar pelo joio e poderem examinar de maneira eficaz as novidades que surgem no meio doutrinário.

Um pequeno livro de grande e profundo conteúdo, indispensável a todos os que desejam evitar confusões no estudo da doutrina.

Na hora do toque

O toque é a forma mais comum de verificação da verdade. Usa-se o toque na Medicina, na Agricultura, na joalheria – onde é tão conhecida a função da pedra de toque – e praticamente em todas as atividades humanas. Foi pelo toque dos dedos nas chagas que Tomé reconheceu a legitimidade da aparição de Jesus ressuscitado. No Espiritismo a pedra de toque é a obra de Kardec.

Mas porque essa obra e não outra? É bom que se deixe bem esclarecido esse porquê, pois há muitas pessoas que não entendem a razão disso e acham que se dá preferência a Kardec por motivos emocionais e até por fanatismo. Vamos tentar esclarecer o assunto da maneira mais rápida e racional.

1º – A obra de Kardec não é pessoal, não é só dele. Era preciso alguém responder pela obra. O Professor Denizard Rivail, como se sabe, resolveu assumir essa responsabilidade e assinou-a com um pseudônimo: Allan Kardec, nome que havia possuído em encarnação anterior, quando sacerdote druida, entre os celtas. A obra é dos Espíritos Superiores da luminosa falange do Consolador ou Espírito da Verdade, que Jesus prometeu enviar à Terra quando os homens estivessem aptos para compreender a sua doutrina em essência. Por isso Kardec deu ao livro básico da doutrina o título de *O Livro dos Espíritos* e à própria doutrina o nome de *Espiritismo*. Por isso também os demais livros da Codificação trazem como subtítulo esta expressão: *Segundo o Espiritismo*, ou seja, de acordo com a Doutrina dos Espíritos.

A doutrina, portanto, não é de Kardec, mas dos Espíritos Superiores que a revelaram a Kardec. Não obstante, Kardec fez a sua parte, quer através das perguntas que fazia aos Espíritos, quer através dos comentários explicativos que escreveu em todos esses livros. Esses comentários foram sempre submetidos por Kardec ao exame dos Espíritos, que os aprovavam ou emendavam. Kardec submetia tudo ao exame da razão,

realizando um trabalho de cerca de quinze anos, sempre assistido pelos Espíritos Superiores dirigidos pelo Espírito da Verdade.

2º – Desde 1857, quando foi publicado *O Livro dos Espíritos*, até hoje, nenhum dos princípios do Espiritismo foi desmentido pela Ciência ou pela Filosofia. Pelo contrário, todos eles têm sido sistematicamente confirmados por ambas. Quanto à Religião, nunca teve condições para contradizer o Espiritismo de maneira positiva, tentando sempre fazê-lo de maneira autoritária ou dogmática, sempre no interesse particular dos princípios de cada seita.

Hoje o avanço das Ciências e da Filosofia confirma de maneira inegável e impressionante a legitimidade da Doutrina Espírita. As descobertas mais recentes da Parapsicologia, da Física e da Biologia nada mais fazem do que comprovar a verdade dos princípios espíritas, sem que os investigadores tivessem essa intenção. Até mesmo quando pensam haver negado o Espiritismo, os investigadores, sem o saber, o estão comprovando. Isso prova a solidez da obra de Kardec.

3º – A Bíblia, livro religioso dos judeus, anunciou a vinda de Jesus. Os Evangelhos, que formam o livro religioso do Cristianismo, anunciaram a vinda do Espírito da Verdade. Os Espíritos Superiores que hoje se manifestam são unânimes em afirmar que Kardec foi o discípulo de Jesus enviado à Terra para realizar a codificação do Espiritismo, doutrina que representa a continuação histórica do Cristianismo e restabelece os ensinamentos do Cristo em espírito e verdade.

As reformas religiosas por que passam hoje as Igrejas estão se processando de acordo com a orientação dada pelos princípios espíritas. As próprias pesquisas da Astronáutica, a ciência mais audaciosa do nosso tempo, estão confirmando o que os Espíritos disseram a Kardec sobre os mundos do Espaço, a infinitude do Universo, a inexistência do vácuo, a variedade infinita das formas da matéria e assim por diante.

4º – Quanto mais avança o conhecimento, mais se vão descobrindo as relações da obra de Kardec com as alegorias e simbologias religiosas da chamada Sabedoria Antiga, das mais

velhas religiões da Índia, da China, do Egito, da Babilônia e assim por diante. Com tudo isso, o Espiritismo se confirma dia a dia como a doutrina do futuro. Ainda há pouco os jornais e revistas do mundo inteiro noticiaram que os cientistas soviéticos, os mais materialistas do mundo, viram-se obrigados a discutir a obra de Kardec num grande simpósio científico realizado na Rússia, e isso em virtude das recentes descobertas realizadas por eles na investigação da Física e da Biologia, com referência à antimatéria e ao corpo energético do homem, ou corpo bioplasmático, que na verdade confirma a teoria do perispírito ou corpo semimaterial do homem, que é um dos princípios fundamentais do Espiritismo. Nenhuma outra doutrina, em todo o mundo, tem recebido tão ampla e decisiva confirmação das pesquisas científicas modernas.

5º – No campo da Filosofia passa-se a mesma coisa. A corrente filosófica que caracteriza o nosso século, a das chamadas Filosofias da Existência, não obstante suas diversas ramificações, confirma no geral a teoria espírita da natureza transcendente do homem. E por outro lado seguem o caminho do Espiritismo no estudo e na investigação da natureza humana, partindo do *homem na existência* para chegar à compreensão progressiva dessa natureza. Tudo converge, no pensamento atual, para a comprovação da legitimidade da obra de Kardec.

Diante desse panorama positivo, qualquer obra que pretenda superar Kardec ou subestimar a Doutrina Espírita precisa ser submetida à prova do toque. E essa prova só pode ser feita de duas maneiras: de um lado, conferindo-se a pretensa superação com a obra de Kardec para verificar-se qual das duas está mais coerente e apresenta maior coesão, maior unidade e firmeza nos seus princípios; de outro lado, conferindo-se, como recomenda o próprio Kardec, os princípios da pretensa superação com as exigências do pensamento atual em todos os campos de nossa atividade mental.

A obra de Kardec tornou-se, após um século de sua negação e rejeição pelos adversários, a pedra de toque da legitimidade das novas obras e novas teorias que vão surgindo no mundo. É por isso que essa obra – a obra de Kardec – oferece-nos os elementos

necessários a uma crítica válida e a uma apreciação verdadeira das novas doutrinas que pretendem modificá-la ou superá-la. Se alguém nos apresentar outra obra em melhores condições do que essa, para servir de pedra de toque, estaremos prontos a trocar a pedra. Mas enquanto a obra de Kardec continuar nessa posição, não temos razão para substituí-la.

Convém lembrar ainda este ponto importante: a falência total ou parcial da obra de Kardec representará a falência total ou parcial dos Espíritos Superiores, particularmente do Espírito da Verdade, e conseqüentemente a falência dos ensinamentos do Cristo.

Isso não quer dizer que o Espiritismo seja uma doutrina cristalizada, incapaz de evoluir e se desenvolver. Quer dizer apenas que o Espiritismo realizou o toque da verdade na cultura humana, tocou nos pontos essenciais da comprovação da realidade universal pelo homem. Seus princípios fundamentais são realmente inabaláveis, mas estão sujeitos a desenvolvimentos que se darão de acordo com a evolução do homem, que progride sem cessar e aumenta constantemente a sua capacidade de compreender melhor a natureza humana, o mundo e a vida.

As normas de Kardec

Mas o desenvolvimento dos princípios espíritas não pode ser feito de maneira arbitrária, pois no campo do conhecimento há leis de lógica e de logística que regem o processo cultural. Kardec estabeleceu as normas que temos de observar para não cairmos nos enganos e nas ilusões tão comuns à nossa precipitação. Essas normas, elas mesmas, estão hoje sendo acrescidas de meios novos de verificação da realidade através da Ciência e da Filosofia. O bom senso, como ensinou Kardec, é o fio de prumo que nos garante a construção de um conhecimento mais amplo e mais rico, mas ao mesmo tempo mais preciso.

Usar do bom senso é o primeiro preceito da normativa de Kardec. Examinar com rigor a linguagem dos Espíritos comunicantes, submetê-los a testes de bom senso e conhecimento, verificar a relação de realidade dos conceitos por

eles enunciados (relação do seu pensamento com os fatos, as coisas e os seres), enquadrar os seus ensinamentos e revelações no contexto cultural da época, verificando o alcance abusivo ou não das afirmações mais audaciosas – eis os elementos que temos de observar no trato da mediunidade, se não quisermos cair em situações difíceis, a que fatalmente nos levariam espíritos imaginosos ou pseudo-sábios. E ao lado disso submeter tudo quanto possível à comprovação experimental, à pesquisa.

Bem sabemos que tudo isso requer espírito metódico, um fundo básico de conhecimentos gerais, capacidade normal de discernimento, superação da curiosidade doentia, controle rigoroso da ambição e da vaidade, equilíbrio do raciocínio, maturidade intelectual, critério científico de observação e pesquisa e firme decisão de não se deixar levar pelas aparências, aprofundando sempre o exame de todos os aspectos dos problemas e das circunstâncias. Sim, tudo isso é difícil, mas sem isso não faremos ciência e sem ciência não teremos Espiritismo. Se alguém notar que não dispõe dessas qualidades deve reconhecer-se inábil para a investigação espírita. É melhor aceitar com humildade as próprias limitações do que aventurar-se a realizações impossíveis.

A luta necessária

Infelizmente a maioria das criaturas não gosta de reconhecer os seus limites. A vaidade e a ambição levam muita gente a dar passos mais largos do que as pernas permitem. É o que hoje vemos, de maneira assustadora, em nosso meio espírita. Os casos de fascinação multiplicam-se ao nosso redor. Pessoas que podiam ser úteis se transformam em focos de confusão e perturbação, entavando a marcha do Espiritismo com a sustentação de teorias absurdas que levam a doutrina ao ridículo. Em nosso país esses casos se tornam mais graves por causa da falta geral de cultura. As pessoas incultas e ingênuas se deixam levar muito facilmente ao fanatismo, ante o brilho fictício de pessoas inteligentes e cultas, mas dominadas por fascinações perigosas.

A mania do cientificismo vem produzindo grandes estragos em nosso movimento espírita. Qualquer possuidor de diplomas de curso superior se julga capacitado a transformar-se em cientista do dia para a noite. E logo consegue uma turma de adeptos vaidosos, prontos a seguir o iluminado que lhes empresta um pouco do seu falso brilho. O desejo de elevar-se acima dos outros, conhecendo mais e sabendo mais, é praticamente incontrolável na maioria das pessoas. O resultado é o que vemos. Há mais joio do que trigo em nossa seara espírita.

A luta contra essa situação é das mais árduas. Mas, árdua ou não, tem de ser enfrentada pelos que vêm as coisas de maneira mais clara. Temos de ferir suscetibilidades, magoar o amor próprio de amigos e companheiros, levantar no próprio meio espírita inimigos gratuitos, provocar revides apaixonados. Mas, de duas, uma: ficamos com a verdade ou ficamos com o erro, defendemos a doutrina ou nos acomodamos na falsa tolerância, clamando por uma paz de pantanal, que nada mais é do que covardia e traição à verdade. Aí estão, diante de nossos olhos, as fascinações da vaidade nos empantanando os caminhos da evolução natural e necessária da doutrina. Ou lutamos contra elas ou incentivaremos a sua propagação e proliferação.

Podemos enumerar as mais acentuadas e nefastas: o roustanguismo, defendido e semeado sob o prestígio da FEB; o Divinismo ou Espiritismo Divinista, que contradiz a própria essência racional do Cristianismo e do Espiritismo; o ramatisismo, que conseguiu envenenar a própria FEESP e ainda hoje não foi completamente eliminado da sua estrutura; o heterodoxismo ou armondismo (mistura de doutrinas ocultistas com o Espiritismo), que anda de mãos dadas com o ramatisismo; a teoria do *continuum mediúnico*, que vem de fora, com ares de teoria sociológica, estabelecendo confusões, com suposto apoio científico, entre Espiritismo e Umbanda; o andreluizismo, que à revelia de André Luiz é sustentado por instituições que se apoiam na caridade para desviar adeptos ingênuos da verdadeira compreensão doutrinária; e outras subcorrentes que amanhã se tornarão fortes e dominadoras, se não forem sustadas a tempo.

Todos esses movimentos se valem de uma arma contra os que perseveram no campo limpo da doutrina: a acusação de sectarismo. Fazem seitas e acusam os outros de sectários. Clamam pelo direito de alargar e arejar os conceitos fundamentais de Kardec, sem que os seus expoentes se lembrem de que não possuem condições culturais para essa tarefa de gigantes. Afrontam e amesquinham Kardec, na vaidosa suposição de que o estão auxiliando, quando não o agridem abertamente, com o menosprezo à sua missão espiritual e à sua qualificação cultural. Não foram ainda capazes de encarar a missão de Kardec e a obra de Kardec sem pensar primeiro em si mesmos e nas suas supostas capacidades culturais ou supostas habilitações espirituais.

Em meio a esse panorama de confusões, mutilado em suas pretensões iniciais, mas ainda atuando em desvios estratégicos, subsiste a ameaça do Espiritismo Corpuscular. E ao seu lado surgem outros movimentos pseudoculturais, como o atual Massenismo da antiga e veneranda Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, com sua direção entregue às mãos de um leigo, a suscitar inovações aberrantes na prática doutrinária, em nome de uma suposta evolução, e uma onda de culturalismo místico que se opõe à restauração do verdadeiro Espiritismo nos quadros de instituições representativas da doutrina.

O desenvolvimento da Parapsicologia e a falta de capacidade de nossos meios universitários para acompanharem essa evolução científica deu motivo a ampla e escandalosa exploração desse novo ramo das Ciências psicológicas em nossa terra. Uma exploração dirigida em dois sentidos: o combate pseudocientífico ao Espiritismo e o comércio desenfreado de cursos deformantes sobre o assunto. A reação espírita surgiu de maneira acertada: colocar o problema em seus devidos termos, mostrando as ligações naturais entre Espiritismo e Parapsicologia, sem misturar as duas Ciências nem deturpá-las. Mas não tardou a surgir no próprio meio espírita os que se aproveitaram da situação para a defesa de seus pontos de vista pessoais, aumentando a confusão e torcendo a realidade

parapsicológica a favor de suas teorias pseudo-espíritas. A falta de formação cultural do nosso povo ofereceu condições propícias ao desenvolvimento dessa contrafação, tão nefasta como a outra, a facção deformadora da nova ciência.

Panorama desolador

Foi tendo em vista todo esse panorama desolador que resolvemos lançar esta nova edição da *Crítica à Teoria Corpuscular do Espírito*, sob novo título capaz de abranger toda a área conflitiva. Lançada a primeira edição há doze anos, em volumes de pequeno formato e composição em tipo miúdo, produziu ela os seus efeitos, mas já se encontra há muito esgotada. Muitas pessoas interessadas reclamam a reedição. Examinando o texto, vimos que ele ainda se apresenta como necessário no panorama atual. Foi a primeira crítica, rigorosamente crítica, oferecida ao meio doutrinário como um exemplo de como se deve desmontar uma doutrina absurda. Muitos dos seus tópicos se aplicam a outras formas de pretensa reformulação da doutrina. É um texto já clássico, modelo único de exame atento e minucioso de uma falsa teoria, não lhe faltando o exemplo de comedimento e de respeito humano ao responsável pela sua formulação e divulgação. Não teremos a falsa modéstia de negar o seu valor nesse sentido, mormente agora que o movimento da Educação Espírita atinge o plano universitário e exige a existência de textos dessa natureza, capazes de orientar os estudantes universitários no manejo da crítica espírita. Há momentos em que devemos ter a coragem de reconhecer e sustentar o valor das próprias obras elaboradas em favor da doutrina. Investimo-nos dessa coragem e lançamos o texto em nova edição, com endereço mais amplo e adaptado às exigências atuais. Não negaremos às novas gerações de estudantes universitários espíritas esse modelo ainda imperfeito, porque escrito sem o tempo necessário, mas valioso por seu acerto no enfoque do problema e por sua eficácia indiscutivelmente provada.

Não buscamos nenhum efeito de interesse pessoal. A imprensa espírita ainda não está em condições de avaliar esforços desta natureza e a imprensa comum nem sequer tomará conhecimento desse trabalho. O que nos interessa é devolver à circulação um texto que tem a sua oportunidade e o seu valor relativo, atendendo a uma necessidade evidente do movimento espírita brasileiro. Ao lado de *O Verbo e a Carne*, cuja edição foi lançada recentemente, este pequeno volume poderá contribuir para orientar e estimular novas críticas dessa natureza. Nenhuma cultura se desenvolve sem crítica e sem exercício acurado do espírito crítico. O Espiritismo, ele mesmo, é um movimento crítico em favor do desenvolvimento da Civilização do Espírito, como vemos na obra gigantesca de Kardec. Todas as reações que esta reedição provocar serão benéficas, mesmo quando possam parecer o contrário. A defesa da verdade está sempre acima dos melindres pessoais.

São Paulo, 18 de abril de 1974.

A questão metodológica

Expostos, nos cinco pontos anteriores, os motivos históricos, espirituais e escriturísticos que nos asseguram a legitimidade da obra de Kardec, demonstrada a sua integração na cultura contemporânea, a confirmação científica, filosófica e religiosa dos seus princípios fundamentais na atualidade e as perspectivas que abre para a renovação cultural, parece-nos inegável a importância fundamental do Espiritismo em nossos dias. Bastaria isso para exigir de todos nós o maior respeito por essa obra ainda tão mal conhecida e mal estudada entre nós. Em conseqüência, as tentativas de reformulação dessa obra não encontram justificativa e as pretensões de superá-la chegam às raias (nos dois extremos do processo lógico) da ignorância e da irresponsabilidade.

Mas para que isso fique mais claro é conveniente tratarmos do problema do método em Kardec. A chamada *questão metodológica*, de importância basilar em todos os campos do pensamento, passa completamente despercebida entre os opositores, os críticos e os pretensos reformadores da obra de Kardec. É isto o suficiente para mostrar a insuficiência, a incapacidade e o empirismo (no mau sentido do termo) de todos os que defendem teorias e obras reformistas no campo do Espiritismo ou pretendem que certos ramos das Ciências atuais tenham superado a posição espírita, ou, ainda, supõem que suas experiências pessoais, no geral corriqueiras e sem obediência às exigências metodológicas, estão em condições de abrir novos caminhos à pesquisa espírita.

É simplesmente assombrosa a leviandade com que espíritas e não espíritas, entre gente do povo e homens de cultura, formulam críticas a Kardec sem o conhecerem, sem haverem realmente estudado a sua obra e meditado sobre ela. O próprio Kardec já notara, no seu tempo, a estranha leviandade de homens de ciência que se propunham a opinar sobre questões espíritas sem nada saberem do assunto. A situação continua a mesma em nossos dias. E é evidente que essa continuidade não desmerece a

doutrina, mas sim os que se mostram incapazes de compreendê-la.

Em face dessa situação somos obrigados a tratar do assunto de maneira que muitas vezes parecerá primária a pessoas afeitas a estudos superiores. Somos forçados a lembrar conceitos já considerados vulgares nos meios culturais, a aplicar esquemas analíticos rudimentares (como fizemos em *O Verbo e a Carne*, no exame do roustainguismo) e a descer a explicações banais de problemas que na verdade não podiam nem deviam existir, mormente no meio espírita. Este problema de método é um deles. Do ponto de vista cultural, é simplesmente vergonhoso que o tenhamos de recolocar constantemente ante os olhos de dirigentes de grupos, de centros e de instituições representativas do movimento doutrinário.

Quem se atreve a afirmar, por exemplo, que o roustainguismo é simples questão de opinião e por isso não deve ser discutido, ou que este ou aquele pretense cientista tem o direito de formular suas teorias, dá uma prova espontânea de sua ignorância do problema espírita em sua inelutável posição epistemológica. Como obra evidente de mistificação, um decalque malfeito e deformador da obra de Kardec, visando a ridicularizar a doutrina verdadeira, o roustainguismo não pode (absolutamente não pode) ser aceito por nenhum espírita consciente, a não ser por efeito de fascinação. O direito de uma pessoa formular teorias em qualquer campo do conhecimento está sujeito a uma exigência elementar e básica: a de conhecer a fundo esse campo. Sem isso, e sem dar provas disso, ninguém, por mais aparentemente culto que possa ser considerado ou que se diga, não tem o direito de formular e divulgar teorias a respeito. Isso é ponto pacífico em todo o mundo.

Vamos a exemplos concretos:

Quando o Sr. Oswaldo Polidoro, na sua incultura e na sua ingenuidade, se propõe a fazer um Espiritismo do Século XX, chamando-o de Espiritismo Divinista – pois entende que Kardec sujeitou-se à Ciência humana e negou a divina –, só os que ignoram a posição metodológica de Kardec e sua importância cultural podem aceitar esse absurdo. No outro extremo, quando

Hernani Andrade elabora em bases físicas uma Teoria Corpuscular do Espírito para superar o suposto mecanicismo de Kardec, só as pessoas incapazes de compreender a posição kardeciana e a função cultural do Espiritismo podem bater palmas a essa tentativa absurda.

Esclareçamos um pouco mais, se possível:

Quando o Sr. Luciano dos Anjos, representando toda a Diretoria da Federação Espírita Brasileira, sustenta e propaga o roustanguismo e nega aos espíritas o direito de instituir cursos de doutrina e de organizar instituições culturais espíritas (defendendo ridiculamente o autodidatismo como ideal de formação cultural), só os que nada entendem dos problemas culturais podem apoiá-lo nessa proposta de retorno ao primitivismo. Nenhuma pessoa de bom senso e de certa cultura poderá aceitar esse ilogismo a menos que esteja sujeita a um processo de fascinação, essa forma aguda de obsessão que afeta a capacidade de julgar.

Quando o Sr. Artur Massena, presidente leigo da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, acha que as suas experiências de 36 anos no trato da mediunidade (não como cientista, que não é, mas como um *prático*, um curioso e no máximo um amador) lhe dá o direito de contradizer Kardec e introduzir novidades no assunto, só os que ignoram por completo o que seja Ciência e o que seja cultura podem aprovar essa temeridade.

É necessário compreendermos o absurdo dessas posições, se quisermos prestar algum serviço, por mínimo que seja, à causa espírita. Ainda neste caso aplica-se admiravelmente a recomendação de Erasto a Kardec: é preferível rejeitar dez possíveis verdades ou acertos nesse terreno do que aceitar uma única mentira. Porque essa única mentira porá o Espiritismo em má situação perante os homens de bom senso. E porque, como advertiu Kardec, devemos pisar no terreno sólido da realidade, deixando as utopias, por mais fascinantes que se apresentem, que se submetam à prova inexorável do tempo. Não somos utópicos, somos realistas. Não jogamos com possibilidades, mas com

fatos. E fora dos fatos e da sua pesquisa rigorosa não temos Espiritismo.

Quem não compreender isso pode aderir a qualquer das formas de utopia que levaram o Espiritualismo ao descrédito no século passado e continuam a se propagar em nossos dias com ampla liberdade. Quem quiser permanecer no Espiritismo terá de submeter-se às exigências culturais da doutrina, que são sobretudo de ordem metodológica.

Até agora, o Espiritismo só foi conhecido no Brasil através dos cinco volumes da Codificação. Só agora dispomos da coleção da *Revista Espírita* do tempo de Kardec, tão importante que ele mesmo a incluiu no rol das leituras necessárias para o bom conhecimento da doutrina, como vemos em *O Livro dos Médiuns. Ninguém, entre nós, conhece Kardec em profundidade*. Homens de cultura, considerados como grandes conhecedores da doutrina, publicaram trabalhos que provam a superficialidade espantosa desse conhecimento. Se leram e estudaram, não aprenderam, não assimilaram.

Dirigentes de grandes instituições doutrinárias mostram-se ignorantes do sentido e da natureza da doutrina, enxertando-a com estranhos conceitos provindos da época anterior ao aparecimento do Espiritismo. Chega-se a combater, como perigoso, o desenvolvimento cultural do Espiritismo, e isso nas altas rodas das instituições de cúpula.

Essa situação desoladora favorece o aparecimento de pretensos reformadores e atualizadores da doutrina, que tanto surgem do meio do povo – através de médiuns a serviço de espíritos mistificadores –, quanto das elites culturais, através de teóricos improvisados, que se aproveitam de seus títulos universitários ou posições sociais para impor ao povo suas ideias pessoais, não raro tão absurdas como as dos místicos sertanejos. E há também, para maior espanto das pessoas sensatas, os que exercendo funções de responsabilidade no meio espírita, mostram-se admirados com os prodígios de mediunismo nas formas de sincretismo religioso afro-brasileiro – como a Umbanda, a Quimbanda, o Candomblé – e bandeiam-se para os terreiros.

Tudo isso resulta de uma fonte única: a ignorância da doutrina. As molas secretas da vaidade, da auto-suficiência e das obsessões encorajam essa proliferação de tolices, cuja finalidade evidente é a ridicularização do Espiritismo. Urge, pois, que os espíritas sensatos e responsáveis tomem posição contra essa avalanche de absurdos, tenham a coragem e a franqueza de falar a verdade em defesa do Espiritismo, doa a quem doer.

O método de Kardec

Kardec nasceu no início do século XIX, numa fase de aceleração do processo cultural em nosso mundo. Formou-se na cultura do século, sob a orientação de Pestalozzi, o mestre por excelência. Especializou-se em Pedagogia, que podemos chamar de Ciência da Cultura, e até aos cinquenta anos de idade exerceu intensas atividades pedagógicas, tornando-se o sucessor de Pestalozzi na Europa. Não se fez padre nem pastor, mas cientista e filósofo, na despreensão e na humildade de quem não procurava elevadas posições, mas aprimorar os seus conhecimentos. Adquiriu no estudo, nas atividades teóricas e na prática, o mais amplo conhecimento dos problemas culturais do seu tempo.

Vivendo em Paris, considerada então como o cérebro do mundo, impôs-se ao consenso geral como homem de elevada cultura, um intelectual por excelência. Colocado num momento crucial da evolução terrena, viu e viveu o drama cultural da época. E só aos 50 anos de idade, maduro e culto, deparou com o problema nodal do tempo e procurou solucioná-lo em termos culturais. Esse problema se resumia no seguinte: a cultura clássica, religiosa e filosófica, desabava ao impacto do desenvolvimento das Ciências, sem a menor capacidade para enfrentar o realismo científico e salvar os seus próprios valores fundamentais.

Formado na tradição cultural do Século XVIII, herdeiro de Francis Bacon, René Descartes e Rousseau, compreendeu claramente que o problema do seu tempo repousava na questão do método. Os fenômenos espíritas se verificavam com intensidade, como uma espécie de reação natural aos excessos do empirismo, no bom sentido do termo, que era a aplicação do método experimental a todo o conhecimento. A tradição espiritual rejeitava esses excessos, mas não dispunha de armas para combatê-los. Kardec resolveu aplicar o método experimental ao estudo dos fenômenos espíritas.

Logo aos primeiros resultados verificou que o nó do problema estava no seguinte: o método experimental se aplicava apenas à matéria, excluindo-se o espírito que era considerado como imaterial e portanto inverificável.

Mas se havia *fenômenos espíritas* era evidente que o espírito, manifestando-se na matéria, tornava-se acessível à pesquisa. Tudo dependia, pois, do método. Era necessário descobrir um método de investigação experimental dos fenômenos espíritas. Era claro que esse método não podia ser o mesmo aplicado à pesquisa dos fenômenos materiais, considerados como os únicos naturais. Mas por que os únicos? Porque as manifestações do espírito eram consideradas como sobrenaturais, regidas por leis divinas.

Já Descartes, no Século XVII, lutando contra o dogmatismo escolástico, mostrara a unidade de alma e corpo na manifestação do ser humano e advertira contra o perigo de confusão entre esses dois elementos constitutivos do homem. Kardec se sentia bem esteado na tradição metodológica e conseguiu provar que os fenômenos espíritas eram tão naturais como os fenômenos materiais. Ambos estavam na Natureza, espírito e matéria correspondiam a força e matéria, os dois elementos fundamentais de tudo quanto existe.

Daí sua conclusão, até hoje inabalada, e confirmada na época pelas manifestações dos próprios Espíritos que o assistiam: a Ciência do Espírito correspondia às exigências da época. Mas era necessário desenvolvê-la segundo a orientação metodológica da Ciência da Matéria, pois essa orientação provara a sua eficiência. A questão era simples: na investigação dos problemas espirituais o método dedutivo teria de ser substituído pelo método indutivo. Mas essa questão se tornava complexa porque a tradição espiritualista, cristalizada nos dogmas das igrejas, repelia como herética e profanadora a aplicação da pesquisa científica aos problemas espirituais.

Kardec enfrentou a questão com extraordinária coragem. Enfrentou sozinho, sem o apoio de nenhum poder terreno, todo o poderio religioso da época. Teve então de colocar-se entre os fogos cruzados da Religião, da Filosofia e da Ciência. Os

teólogos o atacavam na defesa de seus dogmas, a Filosofia o considerava um intruso e a Ciência o condenava como um reativador de superstições que ela já havia praticamente destruído. A vitória de Kardec definiu-se bem cedo. A Ciência Psíquica inglesa, a Parapsicologia alemã e a Metapsíquica francesa nasceram da sua coragem e das suas pesquisas. Mais de cem anos depois, Rhine e Mac Dougal fundariam nos Estados Unidos a Parapsicologia moderna, seguindo a mesma orientação metodológica de Kardec. E a sua vitória se confirmou plenamente em nossos dias, quando as pesquisas parapsicológicas endossaram as conclusões de Kardec e logo mais a própria Física e a Biologia fizeram o mesmo. A palavra *paranormal*, criada por Fredrich Myers e hoje adotada na Parapsicologia, substituiu em definitivo, no campo científico, a classificação errônea de sobrenatural dada aos fenômenos espirituais.

O espírito como objeto

Kardec transformou o espírito, entidade metafísica, em objeto específico da pesquisa científica. Nem mesmo a reação kantiana, nos séculos XVIII e XIX, com a crítica da razão, estabelecendo os supostos limites do conhecimento em termos do Empirismo inglês, impediu essa transformação. Na própria Alemanha o professor Friedrich Zöllner, da Universidade de Leipzig, submeteu o espírito à investigação kardeciana e Schrenck Von Notzing, em Berlim, instalou o primeiro laboratório de pesquisa espírita do mundo. Hoje os cientistas soviéticos, na maior fortaleza ideológica do materialismo no mundo, provaram sem querer a existência do espírito e de seu corpo espiritual, a que passaram a chamar de corpo bioplasmático. As pesquisas realizadas com o fenômeno da morte mostrou-lhes que o corpo material é vitalizado por ele e por ele mantido em função. A última novidade da Biologia soviética é essa descoberta que atenta contra o materialismo de Estado.

O espírito convertido em objeto de investigações físicas e biológicas é hoje a prova inegável da vitória de Kardec. Mas

Kardec avançou além dessa posição atual. Ele não se limitou a pesquisar o espírito como objeto acessível à percepção sensorial. Da mesma maneira por que o pensamento, na Lógica, é um objeto não-físico – e hoje na Parapsicologia um objeto extrafísico –, Kardec submeteu o espírito a pesquisas psicológicas e provou a sua realidade energética, a sua natureza dupla, de energia espiritual pura manifestada no corpo espiritual, de natureza semimaterial. Os instrumentos de que se serviu para essa audaciosa pesquisa constituem hoje os campos de força da percepção extra-sensorial, cuja realidade palpável foi demonstrada pelas experiências de laboratório dos mais eminentes parapsicólogos. A aparelhagem mediúnica das pesquisas de Kardec, ridicularizadas pelos *sabichões* do tempo, como Richet os classificou, é hoje cientificamente reconhecida, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, na Alemanha quanto na URSS.

Kardec desenvolveu o seu método de pesquisa tendo por base o processo de comunicação. Hoje estamos na época da comunicação e essa palavra adquiriu um valor científico de importância básica. Mas a palavra comunicação já era, no tempo de Kardec, uma categoria da Filosofia Espírita e designava um elemento fundamental da pesquisa espírita. A comunicação mediúnica abriu para o homem uma nova dimensão na sua concepção do mundo e da vida. E Kardec dedicou-lhe todo um tratado, com *O Livro dos Médiuns*, estabelecendo as regras metodológicas da comunicação entre os vivos da Terra e os supostos mortos do Além. Nenhum tratado atual de Parapsicologia conseguiu superar o que Kardec descobriu e expôs nesse volume.

Com essa descoberta Kardec revolucionou o campo central das estruturas religiosas. O problema da Revelação, que representava uma fortaleza aparentemente inexpugnável da Religião, o seu mistério essencial e fundamental, foi cruamente esclarecido. E a posição metodológica de Kardec enriqueceu-se com a possibilidade de investigar as próprias bases da Religião. Mostrando que a fonte da Revelação é a comunicação mediúnica, Kardec pôde estabelecer a relação entre Ciência e

Religião de maneira definitiva. Existe, explicou ele, a Revelação Espiritual, que consiste no ensino de leis do mundo espiritual através da comunicação mediúnica, e existe a Revelação Científica, que consiste na explicação de leis do mundo material através da comunicação científica, feita pelos pesquisadores. A Ciência Espírita utilizou-se dessas duas formas de revelação e estabeleceu a conjugação de ambas para o controle do conhecimento da realidade, que é o objetivo direto da Ciência.

Foi assim que Kardec, adotando uma orientação metodológica segura e nunca dela se afastando, conseguiu, finalmente, desdobrar a moderna concepção do mundo, revelando a face oculta da própria Terra em que vivemos e aniquilando o último reduto do maravilhoso ou sobrenatural. Graças a ele, ao seu trabalho gigantesco e ao sacrifício total da sua existência, os cientistas atuais poderão prosseguir no desenvolvimento das Ciências, sem tropeçar nas barreiras supersticiosas, mitológicas, mágicas e teológicas do passado. Kardec completou a Ciência com a sua contribuição espantosa. Fez, praticamente sozinho, no campo do espírito, e em apenas quinze anos de trabalho, o que milhares de equipes de cientistas, no campo da matéria, realizaram através de pelo menos três séculos.

E a precisão do seu método se confirma nas conclusões inabaladas e inabaláveis a que chegou sozinho, muitas vezes criticado pelos seus próprios companheiros, que o acusavam de personalismo centralizador. Faltava aos próprios companheiros o espírito científico que o sustentou na batalha sem tréguas. Os que hoje desejam confundir as coisas, ignorando o problema metodológico em Kardec, aceitando mistificações grosseiras de espíritos pseudo-sábios, servem apenas para provar, ainda em nossos dias, como e quanto Kardec avançou no futuro, superando de muito o seu tempo e o nosso tempo.

Só a ignorância orgulhosa ou a inteligência vaidosa e interesseira podem hoje querer superar Kardec, quando a própria Ciência e a própria Filosofia atuais estão ainda rastreando as conquistas de Kardec, nos rumos de futuras descobertas. O Espiritismo evolui, como tudo evolui no Universo. Esse é um

axioma espírita. Mas a obra de superação de Kardec pertence às gerações do amanhã, pois a geração atual não revelou ainda condições sequer para compreender Kardec. Por outro lado, é bom lembrar que a superação de Kardec não será mais do que o prosseguimento do seu trabalho, o desdobramento da sua obra, na medida em que o homem se torne mais apto a compreender o que Kardec ensinou. O atraso atual do movimento espírita nos sugere, mesmo, que talvez o próprio Kardec tenha de voltar à Terra, como os Espíritos lhe disseram na ocasião em que esteve entre nós, para completar a sua obra, que homem nenhum foi capaz até o momento de ampliar em qualquer sentido.

Os leitores que desejarem verificar as comprovações parapsicológicas atuais das pesquisas de Kardec poderão fazê-lo em duas fontes: a nossa tradução anotada de *O Livro dos Médiuns* e o nosso livro *Parapsicologia Hoje e Amanhã*, em sua quarta edição. Neste último encontrar-se-á um capítulo especial sobre a descoberta do corpo bioplasmático pelos físicos e biólogos soviéticos.

Fotografias da aura das coisas e dos seres têm sido apresentadas como *fotografias da alma* e justamente rejeitadas pelas pessoas de bom senso. Essas fotos pertencem à fase da efluviografia nas experiências com as câmaras Kyrillian. As fotografias do corpo bioplasmático são as que realmente correspondem à alma.

A teoria corpuscular

Os artigos aqui reunidos constituem uma crítica espírita ao livro do Sr. Hernani Guimarães Andrade, *A Teoria Corpuscular do Espírito*, louvado por diversos confrades, que o consideraram como verdadeiro acontecimento doutrinário do ano de 1961. Crítica espírita, e não apenas crítica, porque elaborada à luz dos princípios doutrinários, com a finalidade exclusiva de verificar o enquadramento ou não da teoria nesses princípios. Foram publicados na seção espírita do “Diário de São Paulo”.

O livro criticado é apenas o primeiro volume de uma série, cujo segundo volume já está circulando há algum tempo. Alguns leitores poderão pensar que a nossa crítica é precipitada, que devíamos esperar a conclusão da série. Mas não é assim. Porque, nesse primeiro volume, o autor apresenta as bases da sua teoria corpuscular do espírito. Os demais volumes servirão somente para completar a exposição. A nossa crítica é formulada aos fundamentos da teoria, sendo válida, portanto, para toda a sua estrutura.

As intenções do Sr. Guimarães Andrade são boas. Seu desejo expresso é o de colaborar para que o Espiritismo se firme no meio científico. Não obstante, verá o leitor que a teoria corpuscular se propõe a reformar a doutrina espírita e a substituí-la. Toda a codificação kardeciana é considerada como coisa do passado. Essa a razão que nos levou a examinar a teoria. Se ela, realmente, abrisse perspectivas novas para o Espiritismo, não teríamos dúvida em reconhecê-lo.

Deixemos bem claro esse ponto. Em primeiro lugar, como o leitor verá no correr dos artigos, somos amigos pessoais do confrade Guimarães Andrade. Bater palmas a um amigo é um dever que se cumpre com alegria. Em segundo lugar, no Espiritismo não existem motivos de ordem sectária, eclesiástica, financeira, política, ou de qualquer outra espécie, que nos impeçam de reconhecer a verdade nos opositores, quanto mais nos colaboradores. Esta crítica não é ditada, pois, senão pela consciência das responsabilidades doutrinárias; consciência que, como

sabem todos os espíritas, implica permanente atitude de vigilância e de defesa dos princípios do Espiritismo.

Kardec nos legou a codificação há pouco mais de cem anos. De lá para cá, o mundo evoluiu rapidamente e os conhecimentos humanos se alargaram de maneira espantosa. A vertigem do progresso atordoa os homens, e desse atordoamento não escapam os espíritas. Nada mais natural que o aparecimento, em nossas dias, de tantas tentativas de reforma do Espiritismo. Entendendo que a codificação já foi ultrapassada pelo desenvolvimento das ciências, muitos confrades se esforçam para ajudá-la a recuperar o terreno perdido. As intenções, como vemos, são boas.

Acontece, porém, que o Espiritismo é doutrina do futuro e não do passado ou do presente. Como os Evangelhos, que depois de dois mil anos continuam a nos empurrar para a frente, a codificação está ainda muito longe de ter sido superada. Pelo contrário, somente agora as ciências estão dando os primeiros sinais de se aproximarem do Espiritismo. Dessa maneira, os confrades aflitos, que se esfalfam na dura tarefa de “atualizar o Espiritismo”, estão apenas equivocados.

No caso do confrade Guimarães Andrade o equívoco é tanto maior, quanto se trata de uma tentativa de enquadrar o Espiritismo na sistemática das ciências materialistas; praticamente, uma tentativa de prender a doutrina espírita numa gaiola de conceitos físicos, materiais. Os confrades que louvaram o livro o fizeram por espírito fraterno, ou por não terem compreendido a teoria que nele se expõe. Tendo tido o cuidado de examinar a teoria, podemos oferecer a esses confrades uma contribuição sincera, para que melhor ponderem a respeito. Os que não aceitarem a nossa contribuição deverão pelo menos reexaminar o livro, com suas próprias luzes, pois trata-se de grave problema que está surgindo no movimento espírita brasileiro.

Na verdade, esse problema não deveria tomar corpo, uma vez que a teoria corpuscular não oferece nenhuma consistência do ponto de vista científico. Mas, como o livro é escrito para o povo, e o povo nada conhece das questões científicas nele tratadas, o perigo é evidente. O Sr. Guimarães Andrade, apoiado

ainda pelos confrades que o louvam na imprensa espírita, vai fazendo adeptos. Já está surgindo entre nós uma corrente de “espiritismo corpuscular”, que ao lado de outras correntes em desenvolvimento poderá completar a obra de enfraquecimento do movimento espírita brasileiro.

Para que o leitor possa bem avaliar o que isso representa, queremos lembrar a situação ridícula em que se colocaria um cidadão de poucas letras que se propusesse a discutir numa assembleia de letrados. O movimento espírita brasileiro ainda não dispõe de um corpo de sábios, de homens de ciência, capazes de enfrentar o problema doutrinário neste ou naquele campo das especializações científicas. Propormo-nos a apresentar uma teoria científica do espírito, sem as credenciais necessárias para isso, sem nos servirmos do aparato técnico indispensável, é simplesmente quereremos provocar o riso.

A fragilidade da teoria corpuscular é evidente. A análise rápida que fizemos, em artigos de jornal, revela numerosas contradições. Que diríamos de uma análise mais profunda, realizada por especialistas dos vários ramos da ciência em que a teoria se apoia? Mesmo no plano filosófico, de nossa especialidade, a análise aprofundada da teoria seria desastrosa. O pouco que dissemos mostrará isso aos que tiverem “ouvidos de ouvir”. Mas um físico, um matemático, um biólogo, o que diriam, num exame aprofundado da teoria?

Nossa intenção não foi a de esmiuçar o livro, mas tão-somente a de mostrar as suas incongruências mais gritantes, e de fazê-lo, não no plano filosófico ou científico, mas no plano espírita. Escrevemos para o meio doutrinário. Mesmo porque o livro só interessa ao nosso meio. Fora dele, não terá repercussão. Não há nada, nessa tentativa de formulação teórica, que possa interessar aos homens de ciência. Dessa maneira, o livro só tem, na realidade, um sentido: o de lançar confusão no meio espírita e levá-lo a uma posição desairosa.

Não acusamos desse crime o confrade Guimarães Andrade. Pelo contrário, já dissemos que as suas intenções são boas. Mas o apóstolo Paulo exclamava, em Romanos, 7:24: “Não faço o bem que desejo; mas o mal que não quero, esse faço”. Se a Paulo

aconteceu assim, depois da visão na Estrada de Damasco, não é demais que aconteça a nós, quando tentamos avançar além das nossas forças. A teoria corpuscular do espírito não faz o bem que o autor pretende, mas o mal que ele por certo não queria. Isso decorre, evidentemente, da fonte espiritual que o impulsiona nesse difícil caminho das formulações científicas. Seríamos felizes se o nosso trabalho servisse de advertência ao confrade, quanto aos perigos a que se expõe.

Depois da publicação dos nossos artigos, alguns confrades lançaram novos louvores à teoria e ao seu autor, às vezes sem nenhum propósito. Ao que parece, quiseram apenas oferecer-lhe o testemunho da sua solidariedade. Gesto nobre, sem dúvida, mas extemporâneo. Sim, pois não atacamos o confrade, nem quisemos diminuí-lo. Gostaríamos que esses companheiros, em vez de elogiarem com palavras retumbantes a nova teoria, ou de a defenderem com golpes de ironia, fizessem o que fizemos: uma análise objetiva da mesma. Porque, em matéria de ciência, não valem os louvores. Por mais que louvemos um trabalho errado, não o emendaremos.

Deixamos, pois, a nossa crítica em mãos dos leitores desapaixonados, que não se empolgam facilmente com formulações de aparência brilhante. Oferecemo-la aos confrades conscientes da gravidade da hora que atravessamos e da seriedade do Espiritismo. Se estivermos errados, que nos revelem o nosso erro. Não teremos dúvida em voltar atrás. Será mesmo com alegria que nos penitenciaremos. Seria mil vezes preferível termos errado por excesso de zelo, na defesa da doutrina, a vermos confirmada a posição difícil do autor da teoria.

Para terminar, queremos lembrar que, na própria Psicologia, as teorias elementares ou atômicas já estão superadas. Wilhelm Dilthey, o grande filósofo e psicólogo alemão, reagindo contra as correntes elementaristas do século passado, dizia em seu livro *O Mundo do Espírito*, edição Aubier de 1947: “A vida psíquica é originalmente e sempre, de suas formas primárias até as mais elevadas, uma unidade. Não é feita de partes; não se compõe de elementos; não é uma composição; não é um resultado da junção

de átomos sensíveis ou afetivos: é uma unidade primitiva e fundamental que se encontra em toda parte”.

Quando, na própria Psicologia, – que trata do espírito em sua manifestação no plano material, – considera-se inadmissível a concepção atômica, derivada das ciências físicas, como admitirmos semelhante atitude no plano real do Espírito?

S. Paulo, 1962.

Atualização do Espiritismo

Desde que o confrade Hernani Guimarães Andrade publicou o seu livro, *A Teoria Corpuscular do Espírito*, vimos sendo consultados por pessoas que não sabem como encarar a obra. Num texto que aparece nas orelhas do volume, o Professor Victor Magaldi refere-se à teoria, como sendo uma “verdadeira revolução no Neo-Espiritismo”. No primeiro capítulo, o autor declara que o Espiritismo precisa progredir, superar os velhos conceitos mecanicistas do século passado, e que “os adeptos da doutrina devem ter a coragem de voltar atrás, se preciso; reformar conceitos velhos; sacudir o pó da suposição para descobrir a realidade soterrada; abrir mão do dogmatismo comodista e ignorante, que se aferra à forma e esquece o espírito”.

Todas essas coisas preocupam os adeptos, não comodistas nem ignorantes, mas ciosos da pureza da doutrina. Quer o confrade Guimarães Andrade reformar o Espiritismo? A que se refere o confrade Victor Magaldi, quando proclama a existência de uma revolução no “Neo-Espiritismo”? Existe isso? Existe um Neo-Espiritismo, e no seu seio já se processa uma revolução? Por outro lado, a terminologia doutrinária estará mesmo superada, será arcaica, necessitará de revisão? Estaremos em condições de enfrentar essa tarefa? Disporá o autor do livro de meios e recursos para sacudir a poeira dos conceitos kardecistas e revelar uma possível realidade oculta?

Confessamos que era nosso intento, desde a publicação de *A Teoria Corpuscular do Espírito*, escrever sobre essa obra. Mas, encontrando esses mesmos problemas referidos pelos leitores, resolvemos estudar o livro com tempo e vagar, não aventurando a respeito nenhuma opinião. Além disso, o autor anuncia outros volumes, que completarão sua teoria. Diante porém, da insistência dos leitores e amigos, e uma vez que já aparece até mesmo a ideia, em certos núcleos, de tratar do problema da “Nova nomenclatura espírita” (por analogia

certamente com a “Nova nomenclatura gramatical”), resolvemos tratar do assunto.

Nossa atitude é a mesma dos leitores. Estamos com um pé atrás. Conhecemos o confrade Guimarães Andrade, sabemos ser uma pessoa honesta e sincera, mas desconfiamos dos rumos da sua imaginação, no campo doutrinário. Primeiramente, não vemos razões para o ataque à terminologia kardecista. Ela é tão válida hoje como há cem anos. A própria negação do “conceito mecanicista de *éter*” precisa ser examinada. E isso por dois motivos: porque o debate sobre o problema do éter espacial ainda não se encerrou, na própria Física; e porque o éter do Espiritismo não corresponde exatamente, mas apenas analogamente, ao da Física. O mesmo acontece com os conceitos de “fluido” e de “vibração”. Kardec não formulou uma teoria científica, da mesma maneira por que Jesus não criou um sistema filosófico. A revisão dos conceitos doutrinários, na base das falíveis teorias científicas modernas, equivale, ao nosso ver, a uma revisão dos conceitos evangélicos, na base dos sistemas filosóficos instáveis do nosso tempo.

Em segundo lugar, a tentativa de criar uma teoria científico-espírita, como quer o autor, parece-nos prematura. Suas dificuldades começam ao procurarmos situar o Espiritismo no quadro das ciências. Kardec acentuou que o Espiritismo deve evoluir com as ciências, mas esclareceu também que a natureza científica do Espiritismo não é a mesma das ciências da matéria. Foi mais longe, ao negar às ciências qualquer competência para se pronunciar sobre as questões espíritas, e afirmou taxativamente que: “O Espiritismo não é da alçada da ciência”. (Cap. VII da “Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”). Quando ele trata, pois, da Ciência Espírita, não o faz em termos de ciência material, mas esclarece mesmo que o objeto e os métodos de ambas são diferentes.

Ora, o que o confrade Guimarães Andrade pretende fazer, é exatamente o que Kardec condenou. Ou seja, para usarmos as expressões textuais do codificador: “sujeitar (o Espiritismo) aos processos ordinários de investigação, estabelecendo analogias que não existem”. O mesmo aconteceu com a Psicologia, quando

Wundt, Fechner, Binet e outros quiseram reduzi-la a processos de mensuração física. O mesmo com a Sociologia, inicialmente chamada “Física Social”, mais tarde ligada à Biologia, e hoje liberta dessas inadequações conceptuais e metodológicas. O Espiritismo não pode sujeitar-se a esses processos de amoldagem. No próprio campo da Filosofia, os Espíritos e o próprio Kardec fizeram questão de esclarecer que ele devia desenvolver-se “livre dos prejuízos do espírito de sistema”.

Ainda agora, ao esclarecer a utilização de conceitos da ciência moderna, em seu livro *Mecanismos da Mediunidade*, André Luiz adverte: “As notas dessa natureza, neste volume, tomadas naturalmente ao acervo de informações e deduções dos estudiosos da atualidade terrestre, valem aqui por vestimenta necessária, mas transitória, da explicação espírita da mediunidade, que é, no presente livro, o corpo de ideias a ser apresentado”. Aplicando essa explicação ao caso de *O Livro dos Espíritos*, compreenderemos que o que nos interessa no seu texto não é a vestimenta, mas a substância, não é a terminologia, mas “o corpo de ideias”.

A tentativa do confrade Guimarães Andrade deve ser encarada, pois, com o cuidado que Kardec recomendava sempre, para todas as inovações. Procuremos conter os entusiastas, que já pretendem erigir o autor em reformador doutrinário. O próprio Ernesto Bozzano chegou a propor uma teoria do Éter-Deus, para explicar de maneira física o Ser Supremo, o que era evidentemente absurdo e não teve aceitação. Fazer avançar o Espiritismo não é subjugar-lo a conceitos da ciência material, mas dar-lhe maior desenvolvimento espiritual em nossa compreensão. E trabalhar assim, espiritualmente, para apressar aquele momento, previsto por Kardec, em que “os sábios se renderão à evidência”. Serão eles, então, os que terão de modificar os seus conceitos, sacudindo a poeira das suas hipóteses instáveis.

Conceitos mecanicistas

Ao tentar a elaboração da sua teoria corpuscular do espírito, o confrade Hernani Guimarães Andrade (como vimos em nosso artigo de domingo passado) partiu de uma premissa falsa: a de que o Espiritismo deve sujeitar-se às ciências materiais. O trecho de Kardec, citado na página 16 do seu livro, para justificar essa premissa, pertence ao parágrafo 55, capítulo primeiro, de *A Gênese*. Nesse parágrafo, Kardec esclarece que o Espiritismo, como doutrina progressiva, “assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer espécie, que tenham chegado ao estado de VERDADES PRÁTICAS, deixando o domínio da utopia”.

Para explicar melhor o seu pensamento, Kardec, entretanto, acrescenta que: “Deixando de ser o que é (o Espiritismo), mentiria à sua origem e ao seu fim providencial”. Como se vê, Kardec adverte, com o bom-senso que o caracterizava, que o Espiritismo não podia converter-se num sistema estático, devendo acompanhar o desenvolvimento natural do conhecimento. Acompanhá-lo, porém, no plano da realidade, das VERDADES PRÁTICAS, e não das utopias, das conjecturas. E acentuava, ao fazer isso, que o Espiritismo não podia trair-se a si mesmo. Quer dizer, ao acompanhar o progresso geral, devia entretanto manter a sua integridade doutrinária.

Não compreendendo essa posição de Kardec, o confrade Guimarães Andrade pretende fazer com o Espiritismo o que Augusto Comte fez com a Filosofia, sujeitá-lo às ciências. Para isso, entretanto, vê-se obrigado a um malabarismo intelectual que o coloca em situações contraditórias. Porque, segundo o próprio Kardec já advertia, a Ciência Espírita é de natureza diversa da Ciência da Matéria. Tem objeto diverso e exige métodos especiais. Não compreendendo esse fato, o Sr. Guimarães Andrade procura amoldar, na retorta da sua teoria corpuscular, os dois elementos diversos, o que não é possível. Disso resultam as incongruências que podemos notar em seu livro.

A pretensão reformista do autor chega às raias do extremismo. Vejamos este trecho, das páginas 16 e 17 de *Teoria Corpuscular do Espírito*, em que ele define sua posição: “Por conseguinte, a Ciência Espírita tem campo aberto à pesquisa e ao desenvolvimento de seus princípios básicos, os quais podem e devem evoluir paralelamente à Ciência Oficial. E, tal como esta, precisa progredir, até mesmo, se necessário, à custa de reforma dos seus postulados”. Isto quer dizer que o Espiritismo deve modificar os seus princípios básicos, para sujeitar-se aos novos enunciados das ciências materiais.

Kardec, em *A Gênese*, no mesmo trecho que citamos acima, lembra que as ciências materiais são apenas “a exposição das leis da natureza, com relação a certa ordem de fatos”. E esclarece que se trata dos fatos materiais. Estes interessam ao Espiritismo, pois estão na ordem geral das leis de Deus, mas não são o objeto da doutrina. Submeter a ciência espiritual aos enunciados de leis materiais é simples absurdo. Aliás, na “Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita”, que abre *O Livro dos Espíritos*, Kardec observa: “Quando a ciência sai da observação material dos fatos, e trata de apreciá-los e explicá-los, abre-se para os cientistas o campo das conjeturas: cada um constrói o seu sistemazinho, que deseja fazer prevalecer, e o sustenta encarniçadamente”.

O confrade Guimarães Andrade refere-se ao perigo de um dogmatismo espírita, mas oferece-nos um perigo maior, que é o do dogmatismo científico, de natureza materialista. Amarrar o Espiritismo a esses “sistemazinhos”, referidos por Kardec, é muito mais perigoso do que sustentar os postulados doutrinários que têm na sua base a “autoridade dos fatos” e não das conjeturas explicativas. Aliás, nenhum progresso das ciências afetou até agora os postulados doutrinários. Pelo contrário, só os tem confirmado. Como pretender-se então modificar esses postulados? No tocante aos conceitos da Física Nuclear, o que parece evidente é que eles se aproximam dos conceitos espíritas, como vemos no caso de negação da matéria, de transformação do mundo material em mundo energético, de redução dos fenômenos físicos a simples aparência e assim por diante.

As próprias contradições do Sr. Guimarães Andrade provam isso. Condenando, por exemplo, a terminologia mecanicista de Kardec, vê-se ele obrigado, logo mais, a usá-la. É o que se verifica no seu capítulo intitulado “Das Bases da Teoria”, em que os conceitos de “vibração” e de “fluido vital” são empregados, e este último com o agravante de juntar-se ao conceito hinduísta de “prana”. Também o conceito de “matéria inerte”, nada corpuscular, ali aparece. Vemos, assim, que a reforma pretendida pelo autor é mais difícil do que ele mesmo supunha. Não chega a efetuar-se nem sequer no plano da terminologia, quanto mais no plano mental dos conceitos, propriamente ditos, que permanece inalterado.

Por outro lado, o Sr. Guimarães Andrade, para poder misturar as ciências físicas e os princípios espíritas na sua retorta, foi obrigado a voltar vinte e cinco séculos atrás, adotando o esquema de Demócrito para a explicação atômica do espírito. Os seus corpúsculos modernos, denominados “bion”, “mentalton” e “intelecton”, não são mais do que adaptações dos chamados “átomos de fogo”, do atomismo grego, que explicavam inclusive a percepção extra-sensorial. Demócrito admitia átomos especiais para a percepção sensorial e átomos mais sutis para a percepção intelectual. E considerava o espírito como um “arranjo atômico”, exatamente como o faz o Sr. Guimarães Andrade. Esse arranjo, naturalmente, podia desarranjar-se com a morte, e o espírito voltaria ao “todo universal”. O Sr. Guimarães Andrade não escapa a esse fatalismo lógico da teoria atômica do espírito, caindo numa posição materialista, como veremos mais tarde.

Ao expor a natureza do “bion”, que seria “a partícula correspondente à vida em si mesma, independente de prévia organização, o agente vivificador da matéria”, o autor se choca frontalmente com o princípio estabelecido no cap. quarto de *O Livro dos Espíritos*, onde o fluido vital: “sem a matéria, não é vida, da mesma maneira que a matéria não pode viver sem ele”. Ainda aqui, o erro decorre da posição materialista, que não admite o espírito como agente não-físico. Embora o autor, nesse terreno, às vezes admita o conceito doutrinário de espírito, no geral permanece com o conceito mecanicista do atomismo grego.

É uma das suas contradições, que procuraremos esclarecer nos próximos trabalhos.

Quem não pode o menos

Os investigadores científicos dos fenômenos espíritas operam no campo da matéria. Não são espíritas, mas cientistas interessados pela fenomenologia que dá base concreta à doutrina. Por isso já dissemos, há tempos, a respeito, que a ciência espírita, no que toca às manifestações materiais do espírito, vêm sendo construída pelos adversários do Espiritismo. É este um fato único na história do conhecimento, e uma das maiores glórias da doutrina espírita. Crookes, Richet, Geley, Crawford, ao iniciarem suas pesquisas, não eram espíritas, como Price, Rhine e Bjorkhem, das Universidade de Oxford, de Duke (EE. UU.), e de Upsala (Suécia), respectivamente, não são espíritas. Mas todos contribuem para a ciência espírita.

Não cabe a nós, espíritas, formular nenhuma teoria científica para investigação dos fenômenos supranormais ou para demonstração da realidade da sobrevivência. O Espiritismo, nos seus três aspectos, o científico, o filosófico e o religioso, possui métodos próprios de observação e investigação, e já provou há muito a realidade da sobrevivência. Os cientistas materialistas, ou pelo menos céticos, é que devem tratar de provar, através de suas teorias e de seus métodos, que o Espiritismo se encontra em erro. Querer, pois, dotar o Espiritismo de “teorias que lhe facultem o avanço seguro na estrada da pesquisa metódica de laboratório”, como pretende o Sr. Guimarães Andrade, em sua *Teoria Corpuscular do Espírito*, é invadir atribuições alheias. E dizer que o Espiritismo não possui teorias orientadoras de pesquisas científicas é negar a própria doutrina e esquecer os seus efeitos no mundo científico.

Humberto Mariotti, o conhecido escritor espírita argentino, encerra o seu livro *Dialética e Metapsíquica*, réplica a um livro materialista de Emílio Troise, com esta advertência: “A filosofia espírita, sempre pronta a renovar-se, espera, pois, para o fazer, uma prova científica de seu opositor: o materialismo. Enquanto isso, continuará forjando o aço desse novo mundo espiritual, que vem assomando por entre os fatos da psicologia supranormal, até

que a prova mencionada seja produzida”. A teoria espírita, como a chamaram os cientistas, não é apenas teoria, mas toda uma doutrina, solidamente construída sobre um vasto e profundo alicerce de fatos, comprovados por adeptos e adversários, crentes ou descrentes. Ela se impõe por si mesma, ou “pela força mesma das coisas”, como dizia Kardec. Não espera as nossas elaborações teóricas para cumprir a sua missão.

Grande e belo exemplo é o que nos dá Richet, na carta que dirigiu a Ernesto Bozzano, rendendo-se à evidência espírita. Construtor, ele mesmo, de uma teoria, exclama, diante dos argumentos espíritas de Bozzano: “Eles formam um estranho contraste com as nebulosas teorias que atravancam a nossa ciência”. Ao contrário disso, o Sr. Guimarães Andrade pretende que deixemos de lado, considerando-os obsoletos, os conceitos clássicos da doutrina, para construirmos mais uma teoria nebulosa, e com ela aumentarmos o atravancamento científico.

Nós, espíritas, temos por acaso alguma dúvida a respeito da sobrevivência do espírito e da sua possibilidade de ação sobre a matéria? Precisamos de novas teorias para investigar os fenômenos impropriamente chamados de supranormais? Não. Logo, não compete a nós a formulação de teorias novas. Por outro lado, duvidamos da solidez das provas e do acervo gigantesco de fatos da biblioteca espírita, sempre aberta ao possível interesse dos materialistas? Também não. Logo, a estes é que compete, e não a nós, quebrar a cabeça de encontro à rocha em que nos firmamos. Nosso papel, pelo contrário, é o de continuarmos firmes sobre a rocha, que tem resistido, até aqui, a todos os cabeçudos.

Pergunta o confrade Guimarães: “Será que já conhecemos tudo a respeito do fascinante problema do espírito, das suas relações com o mundo físico, das suas propriedades, da sua natureza real?” Podemos responder com outra pergunta: “Conhecem os materialistas tudo o que se relaciona com o fascinante problema da matéria, das suas relações com forças desconhecidas, das suas propriedades, da sua natureza real?” Estamos, e eles também o estão, absolutamente certos de que não. Então, como pretendermos colocar, na mesma mesa da

ciência materialista, servindo-nos dos seus instrumentos rudimentares, ainda em elaboração, o problema espiritual? Se ela é impotente para dizer tudo a respeito da matéria, como queremos que o diga a respeito do espírito? O mais certo, o mais prudente, é admitirmos a explicação de Kardec: “O Espiritismo não é da alçada da ciência”. Sê-lo-á mais tarde. Mas, para tanto, a ciência precisa concluir a sua tarefa no terreno material, o que ainda está longe de fazer.

Poderão objetar-nos que as pesquisas dos sábios materialistas concorreram para a comprovação da doutrina. Mas não dizemos o contrário. O que dizemos é que isso compete a eles. Quando os sábios, operando no campo da matéria, comprovam os princípios da ciência espírita, contribuem para esta, e só temos que agradecer-lhes. Aquilo que chamamos, com Kardec, a Ciência Espírita, não é mais do que o aspecto científico da doutrina. Neste aspecto, há uma zona fronteira, em que a ciência material pode comprovar os fatos espíritas. A da fenomenologia mediúnica. Nesta zona é que o materialismo vem construindo, sem querer, a contragosto, a ciência espírita acessível à compreensão materialista.

O confrade Guimarães Andrade quer que ajudemos os sábios oferecendo-lhes uma teoria espírita que eles possam aceitar. A intenção é boa, mas conduz a desvios perigosos, como já vimos e ainda veremos, na análise de *A Teoria Corpuscular do Espírito*. Além disso, é conveniente lembrarmos o velho adágio: “Cada macaco no seu galho”. O Espiritismo, como diz Mariotti no mesmo livro acima citado, “é uma estrela de amor”. Essa estrela brilha sobre o atravancamento de hipóteses nebulosas da ciência materialista, e ainda, segundo o mesmo autor, “ilumina os caminhos de todos os peregrinos que vão em busca da verdade”. Não basta isso? Queremos também acompanhar os peregrinos, oferecendo-lhes cajados que eles não nos pedem, e até mesmo rejeitam com desprezo?

O livro do Sr. Guimarães Andrade é simplesmente um equívoco. E como tal, só pode fazer mal à doutrina e ao movimento espírita. Pedimos perdão ao confrade, por esta rude franqueza. Mas, em questões doutrinárias, é preferível a dureza da verdade.

Pensamos já haver demonstrado, até aqui, os vários enganos do autor. Mas prosseguiremos ainda, para que não digam amanhã, como disseram certa vez, a respeito de outra crítica, que passamos de leve sobre o assunto.

Autocriação do Espírito

O livro do confrade Guimarães Andrade, *A Teoria Corpuscular do Espírito*, vale como um exemplo da facilidade com que os críticos e reformadores de Kardec se perdem nas próprias contradições. Além da premissa falsa em que se baseia, desenvolve o falso silogismo de que os conceitos espíritas, sendo mecanicistas, devem modificar-se, adaptando-se aos princípios quânticos e relativistas da física moderna. A conclusão não podia ser verdadeira, como não é, pois representa a própria negação do espírito.

Acusando Kardec e os Espíritos que o orientaram de se utilizarem de conceitos antiquados, o Sr. Guimarães Andrade acaba fazendo a mesma coisa. Mas, se Kardec empregava os conceitos científicos da época num sentido analógico, apresentando-nos uma visão do mundo e da vida que nada tem de mecanicista, o autor de *A Teoria Corpuscular do Espírito* faz o contrário. Tenta servir-se de conceitos relativistas para nos oferecer uma concepção mecânica do universo, da vida, do pensamento e do próprio espírito.

Em Kardec, como vemos em *O Livro dos Espíritos*, a natureza do espírito é definida como inteiramente diversa da natureza da matéria. O Universo se compõe de três elementos essenciais: Deus, Espírito e Matéria. Não é possível falar-se em mecanicismo, quando se apresenta essa trilogia. Na teoria corpuscular, pelo contrário, o Universo se compõe apenas de matéria. Deus está ausente, e o espírito não é mais do que uma consequência das ações e reações materiais.

Vejamos o que é o espírito na teoria corpuscular. O Sr. Guimarães Andrade refere-se a dois tipos de arranjos atômicos: as *formações espirituais simples* e as *formações espirituais compostas*. As primeiras se constituem da seguinte maneira: dois corpúsculos, o “mentalton” e o “intelecton”, se juntam, formando um núcleo que se denomina “mônaton”, e em torno dele gira um “bion”. As segundas, “pela combinação sucessiva de mônatons com mentaltons, formando átomos espirituais cada vez mais

espiritualizados”. (Suprimimos os parênteses explicativos do texto, para maior clareza da nossa exposição. O leitor encontrará esse trecho nas páginas 43 e 44 do livro). Esclarece o autor: “Assim como os átomos materiais têm afinidade entre si, capacitando-os a se combinarem, a fim de formarem moléculas, as *formações espirituais simples* também poderão originar combinações, as quais levarão o nome de *formações espirituais compostas*”.

Temos aí o segredo atômico da formação do espírito, segredo que os próprios Espíritos orientadores de Kardec declararam desconhecer. A seguir, o Sr. Guimarães Andrade completa o quadro, afirmando: “A evolução do espírito resulta do crescimento em complexidade de uma *formação espiritual composta*, e é processada, inicialmente, através da vida no mundo físico, onde as experiências adquiridas nos vários ciclos de reencarnações sucessivas tornam possível a constituição de *formações espirituais* cada vez mais complexas”. (Isso na página 45 do livro).

Como vemos, o espírito se forma na matéria e nela se desenvolve, por um processo puramente mecânico. Depois do arranjo atômico de que resultou a constituição do espírito, o autor explica o processo de desenvolvimento da inteligência. Esse processo é um novo arranjo mecânico. As sensações produzidas nos átomos pela vida material formam o que ele chama de “rudimentaríssimo rosário de percepções puntiformes”. São linhas de pontos sensoriais, que deverão juntar-se mais tarde para formarem tecidos sensoriais. Dessa tecelagem vai nascer a inteligência. O autor descobre que o homem é o mais perfeito psicossoma da terra, e que o espírito se cria a si mesmo.

O problema da autocriação espiritual é proposto na página oitenta do livro, quando o autor afirma ser o espírito “causa e efeito de si mesmo”. Para que assim seja, é claro que só podemos estar no plano do mecanicismo, que ele condenou em Kardec, como um dos motivos fundamentais da sua tentativa de reforma doutrinária. Arranjo de átomos, quanto à estrutura, e arranjo de sensações e percepções, no plano mental, o espírito é uma construção casual, semelhante à do atomismo grego. E dois elemen-

tos antiquados aí se reúnem: o empirismo filosófico e o elementarismo psicológico, ambos superados, que o autor procura juntar ao relativismo científico da física einsteiniana.

Feito esse arranjo, o Sr. Guimarães Andrade enquadra o psicossoma na teoria do “continuum espaço-tempo”, de Einstein. Refere-se à quarta-dimensão, chamando os espíritos, quando livres do corpo material, de criaturas quadridimensionais. Mas acontece que a quarta-dimensão, para Einstein, é o tempo, que nada mais é senão uma continuação do espaço. As criaturas quadridimensionais, portanto, não são espirituais, no sentido espírita do termo, mas espaço-temporais, ou mais simplesmente, materiais, no sentido físico do termo. O hiperespaço em que os espíritos vivem é o próprio mundo físico no seu aspecto quadridimensional.

Longe, portanto, de representar uma superação conceptual da doutrina espírita, na sua formulação kardeciana, a teoria corpuscular do espírito representa um retrocesso. Reduz o espírito à matéria e condiciona o seu aparecimento e o seu desenvolvimento às influências materiais. Além disso, a teoria se apresenta como um arranjo sincrético, uma mistura de concepções diversas, às vezes até contraditórias. Falta-lhe orientação lógica. Empirismo filosófico, elementarismo psicológico, atomismo grego, monadismo leibniziano, misticismo induísta, espiritismo kardeciano e relativismo científico moderno, são misturados ao sabor das conveniências.

Foi por isso que dissemos, na crônica anterior, que consideramos o livro do confrade Guimarães Andrade prejudicial ao movimento doutrinário. Dando-se ares de novidade, a teoria corpuscular do espírito pode impor-se aos confrades desprevenidos, e particularmente aos “novidadeiros”, como o último passo da ciência espírita. Entretanto, quando alguém melhor informado das questões científicas e filosóficas da atualidade examinar o assunto, terá forçosamente de concluir que os espíritas não conseguem acertar o passo com a evolução do conhecimento. Se ficarmos, porém, com Kardec, estaremos avançando além dessa evolução, pois *O Livro dos Espíritos* abre perspectivas para a ciência moderna, em vez de ter sido ultrapassado por ela.

O comparsa da matéria

Estranharam alguns leitores a acusação de materialismo que fizemos à teoria corpuscular do espírito. Realmente, alguns trechos do livro do Sr. Guimarães parecem contradizer-nos. Assim, por exemplo, na página 110, encontramos este: “Sem atribuir aos componentes da substância viva a intervenção de um princípio extramaterial, não conseguiremos levar a bom termo a compreensão do enigma da vida”. (Suprimimos os trechos intercalados, para maior clareza).

Essa, entretanto, não é mais do que uma das muitas contradições do livro e da teoria. Enquanto o autor afirma tal coisa, através de palavras, propõe o contrário na sua elaboração teórica. Preso àquilo que chamamos de “fatalismo lógico”, o Sr. Guimarães Andrade quer seguir um caminho, mas na verdade segue outro. O princípio extramaterial não tem lugar nessa teoria corpuscular, tipicamente mecanicista, irremediavelmente amarrada às ciências da matéria.

Na página 116, por exemplo (Cap. VI), vemos o autor equiparar os bions aos electrons. Suas palavras textuais são estas: “O bion seria um correspondente tetradimensional do electron. Suas propriedades se assemelham e são homólogas. Todavia, um tem quatro e o outro três dimensões. Talvez somente nisso resida a diferença entre eles”. Como vemos, a diferença é apenas dimensional. Mas quando nos lembramos de que a quarta dimensão é o tempo da concepção física de Einstein, chegamos a perguntar porque o autor se refere a espírito.

Tudo se passa, como já demonstramos, no “continuum espaço-tempo”, que é um “continuum” material, o todo material do universo einsteiniano. O próprio autor chama o espírito de “comparsa da matéria”, chegando a falar num “conúbio entre o espírito e a matéria”. Mas por que esse conúbio, se a matéria pode explicar tudo, pois tudo se passa nela? O espírito aparece por mero engano, como “peninha para atrapalhar”, pois o que

importa é a matéria. E tanto assim, que o espírito, antes de se integrar na matéria, é apenas matéria em quarta dimensão.

Para sair da situação contraditória em que se colocou, o autor inventa um curioso processo de queda dos átomos espirituais, atraídos por um campo material. Mas nesse momento tem de reformar, não só o Espiritismo, como também a Física. Sua posição é então a de um reformador universal. De um lado, quer modificar Kardec, de outro, modificar Einstein e todos os teóricos da física nuclear. Sua teoria da queda dos átomos, entretanto, não é mais do que uma imitação da teoria da inclinação dos átomos, de Epicuro. E sabemos que Epicuro foi acusado, por essa teoria da inclinação, de haver desfigurado o atomismo de Demócrito.

Vejam como o autor propõe essa aparente novidade: “Para explicar o fenômeno (a vivificação da matéria), precisamos transpor algumas barreiras conceptuais da própria Física, admitindo que o movimento dos elétrons, quando cobrindo uma superfície fechada em torno do núcleo, possa desenvolver um momento magnético perpendicular, ao mesmo tempo, aos três eixos cartesianos que definem um espaço físico”. Mais uma vez, como assinalamos anteriormente, o autor se utiliza dos conceitos alheios em função dos seus interesses teóricos. Amolda ao seu bel-prazer as próprias teorias da ciência moderna.

No final do volume, o Sr. Guimarães Andrade se lembra da existência de Deus e declara que o excluiu intencionalmente da teoria, para o incluir mais tarde. O leitor que acompanhou o nosso estudo há de perguntar, porém, de que maneira Deus seria incluído nesse mundo mecânico, onde o próprio Espírito da concepção kardeciana foi também posto de lado e “cientificamente” substituído por um “comparsa da matéria”, que nada mais faz do que obedecer a leis de atração e repulsão.

Não existe, na teoria corpuscular do espírito, uma anterioridade do espírito. “Comparsa da matéria”, ele nasce com esta e nesta se desenvolve. Na página 134, ao tratar da reencarnação, o autor reafirma a sua tese: “Como já fizemos ressaltar nos capítulos anteriores, o espírito se forma e se aperfeiçoa através das suas experiências na matéria”. E na página 184, explica que a

alma é simples “duplicata biomagnética”, que surge com o corpo e com ele desaparece.

Essa nova teoria da alma é outro ponto obscuro do livro. O Sr. Guimarães Andrade faz absoluta distinção entre espírito e alma. Afirma que esta última desaparece com a morte do corpo. Mas acrescenta que ela fica “em estado latente, aguardando novo veículo fisiológico para manifestar-se”. Quer dizer que a alma desaparece, mas não desaparece. Verdadeiro jogo de esconde-esconde, perfeitamente dispensável, pois em nada influi na teoria. O autor se diverte, às vezes, jogando com a sua imaginação, na formulação de subteorias inteiramente inúteis, simples brinquedos de passa-tempo.

E o perispírito? perguntarão os leitores. E perguntarão com razão. Mas não podemos dar-lhes nenhuma resposta positiva. O perispírito existe, porque o autor se refere a ele, mas jamais o define. Aliás, parece que a omissão é determinada pelo “fatalismo lógico” a que já aludimos. Como explicar o perispírito, depois que toda a sua possível explicação foi aplicada ao espírito? O que o Sr. Guimarães Andrade chama de espírito, desde o início do livro até o fim, seria mais aceitável se ele o chamasse de perispírito. Mas, por outro lado, se o fizesse, onde iria parar a teoria corpuscular “do espírito”?

Pela exposição acima, parece-nos ter ficado claro que a teoria corpuscular do espírito, como já dissemos, é simplesmente um equívoco. O Sr. Guimarães Andrade empregou mal a sua inteligência e a sua cultura, ao querer fazer tamanha revolução no Espiritismo e na Ciência, pois não conseguiu atingir a nenhum dos dois. Veremos ainda, no último artigo sobre o assunto, reproduzido logo a seguir, que as intenções do autor não se limitam a contribuir para o desenvolvimento da ciência espírita. Vão bem mais longe. A teoria corpuscular pretende substituir a doutrina espírita, deixando Kardec e a codificação na retaguarda. É por isso, e não pelo gosto de divergir, que insistimos no esclarecimento do assunto.

Reforma doutrinária total

Chegamos agora ao fim do nosso exame da teoria corpuscular do espírito, e os leitores que nos acompanharam hão de lembrar-se que o iniciamos com esta declaração: “Conhecemos o confrade Guimarães Andrade, sabemos ser uma pessoa honesta e sincera, mas desconfiamos dos rumos da sua imaginação no campo doutrinário”. A esta altura, nossa desconfiança está justificada. Vimos que a teoria corpuscular não é mais do que uma nova tentativa de confusão doutrinária, a envolver o movimento espírita, desprevenido e desarmado, ante as numerosas investidas que vem sofrendo.

Companheiros dirigentes, cheios de boa-vontade fraterna, estranharam a nossa crítica. Sonham com a fraternidade sem jaça, o que é, naturalmente, muito louvável, e entendem que só devíamos ter palavras de estímulo para todos os que cuidam das coisas do espírito. Alguns chegaram mesmo a declarar que não devíamos desprestigiar “obras espíritas de valor”, por questões de ponto de vista. Mostramos, porém, de sobejo, numa análise serena e objetiva, que não se trata de “pontos de vista”, mas da própria defesa da doutrina e do movimento espírita.

Os que batem palmas para tudo quanto se faz em nome do Espiritismo nada mais fazem do que incentivar a onda de confusões deste momento de transição. O confrade Guimarães Andrade é honesto, sincero, inteligente e culto. Mais do que isso, é uma criatura modesta, que não revela, pessoalmente, as ambições e as pretensões gigantescas do seu livro. Os que o conhecem pessoalmente e não leram ou não puderam entender o livro estranham que o acusemos de tamanha pretensão, qual a de reformador do Espiritismo e da Ciência. Não temos, porém, que examinar o homem, e sim o autor.

Já demonstramos suficientemente as pretensões da teoria corpuscular. Embora, no início do volume, o autor declare que pretende apenas contribuir para a ciência espírita, logo mais ele se contradiz, investindo contra Kardec e o Espiritismo, para considerá-los obsoletos e propor-se a substituí-los. No correr do

livro (e este é apenas o primeiro de uma série de não sabemos quantos), o autor se empolga, delira, perde-se nos desvios da sua própria imaginação, para no final declarar que pretende apresentar “as conseqüências filosóficas da teoria corpuscular do espírito”. É o momento de repetirmos a advertência evangélica: “Quem tem ouvidos de ouvir, ouça”.

É inegável, porque declarado pelo próprio autor, que ele quer substituir toda a codificação kardeciana, considerando-a “empoeirada”, pela sua nova doutrina. A substituição começa na base, que é a ciência, continua no arcabouço doutrinário, que é a filosofia, e acabará por certo na cúpula, que é a religião, mesmo que seja para negá-la ou apresentar-lhe um substitutivo científico, da natureza do Positivismo. É então possível aceitarmos tudo isso, batermos palmas e essas pretensões, descuidados de suas conseqüências? Quem compreende a responsabilidade de espírita não pode, absolutamente, assumir, diante de ameaças dessa espécie, uma atitude de falsa tolerância. Porque isso seria compromisso no erro.

No capítulo final do volume o confrade Guimarães Andrade esclarece ainda mais, declarando textualmente “Esperamos criar adeptos”. Acentua que deseja adeptos conscientes, capazes de analisar os seus ensaios e ajudá-lo no seu aperfeiçoamento. A sua modéstia aparece de novo, encobrando as pretensões. Mas o véu da modéstia se torna, nesse momento, transparente como gaze. Apontamos numerosas contradições no livro, e entre elas podemos incluir esta: uma atitude modesta, encobrando ambições desmedidas. Acreditamos que esta contradição se explique por uma frase do prólogo: “Esperamos ter alcançado a primeira etapa do vasto programa que nos foi confiado”. De um lado, temos a modéstia do instrumento; e, de outro, a ambição daquele ou daqueles que o usam, que lhe confiaram o programa.

Outras contradições curiosas devem ser assinaladas. Pretende o autor apresentar uma teoria científica, mas não se dirige aos homens de ciência, em linguagem técnica, e sim ao público, em termos de divulgação popular. Como divulgar aquilo que ainda não está feito, que é apenas uma tentativa? Proclama a necessidade de dar bases teóricas modernas à ciência espírita,

mas não se utiliza de uma bibliografia rigorosa, e sim de obras comuns de divulgação científica. Apela para a necessidade de experiências científicas, fora do campo mediúnico, o que é simples absurdo, e apoia-se em fontes mediúnicas, alegando a honorabilidade do médium, que do ponto de vista científico não tem nenhum valor. Desaconselha entusiasmos imediatos, mas reclama adeptos. Acredita estar apenas tateando num terreno difícil, mas formula extenso programa de desenvolvimento da doutrina, e chega mesmo a referir-se a aproveitamento industrial do “bion” (página 34). Toma uma atitude de extremismo científico, a ponto de excluir a ideia de Deus da sua teoria, e cita experiências comuns de mediunidade, praticadas sem nenhum rigor científico, como modelos de experimentação mediúnica.

Somos forçados a declarar que a análise do livro *A Teoria Corpuscular do Espírito* surpreendeu-nos. Conhecendo pessoalmente o autor, a quem dedicamos amizade fraterna, sabendo de suas possibilidades culturais e intelectuais, não podíamos supor tamanha fragilidade em sua obra. Dessa maneira, fomos compelidos a tomar, no caso, atitude semelhante à de Aristóteles, perante seu mestre e amigo Platão. Lamentamos que o confrade Guimarães Andrade não houvesse tomado uma atitude mais consentânea com a sua modéstia natural, pois estamos certos de que assim teria evitado o emaranhado de contradições em que se perdeu.

Concluimos, pois, esta análise, repetindo que não se trata de nenhuma tentativa polêmica, e muito menos de qualquer forma de desconsideração para com o autor de *A Teoria Corpuscular do Espírito*, que pessoalmente prezamos bastante. Se fomos forçados a dizer algumas coisas aparentemente duras, isso aconteceu pela necessidade de definirmos firmemente a nossa posição, em defesa do Espiritismo. Se a teoria corpuscular fosse apresentada como doutrina à parte, sem nenhuma ligação com o Espiritismo, pouco nos interessaria. Mas, tratando-se de uma nova tentativa de reforma doutrinária, somos obrigados a encará-la com a devida firmeza.